

FLORESTAN FERNANDES



A REFLEXÃO METODOLÓGICA EM FLORESTAN FERNANDES

JOSÉ JEREMIAS DE OLIVEIRA FILHO

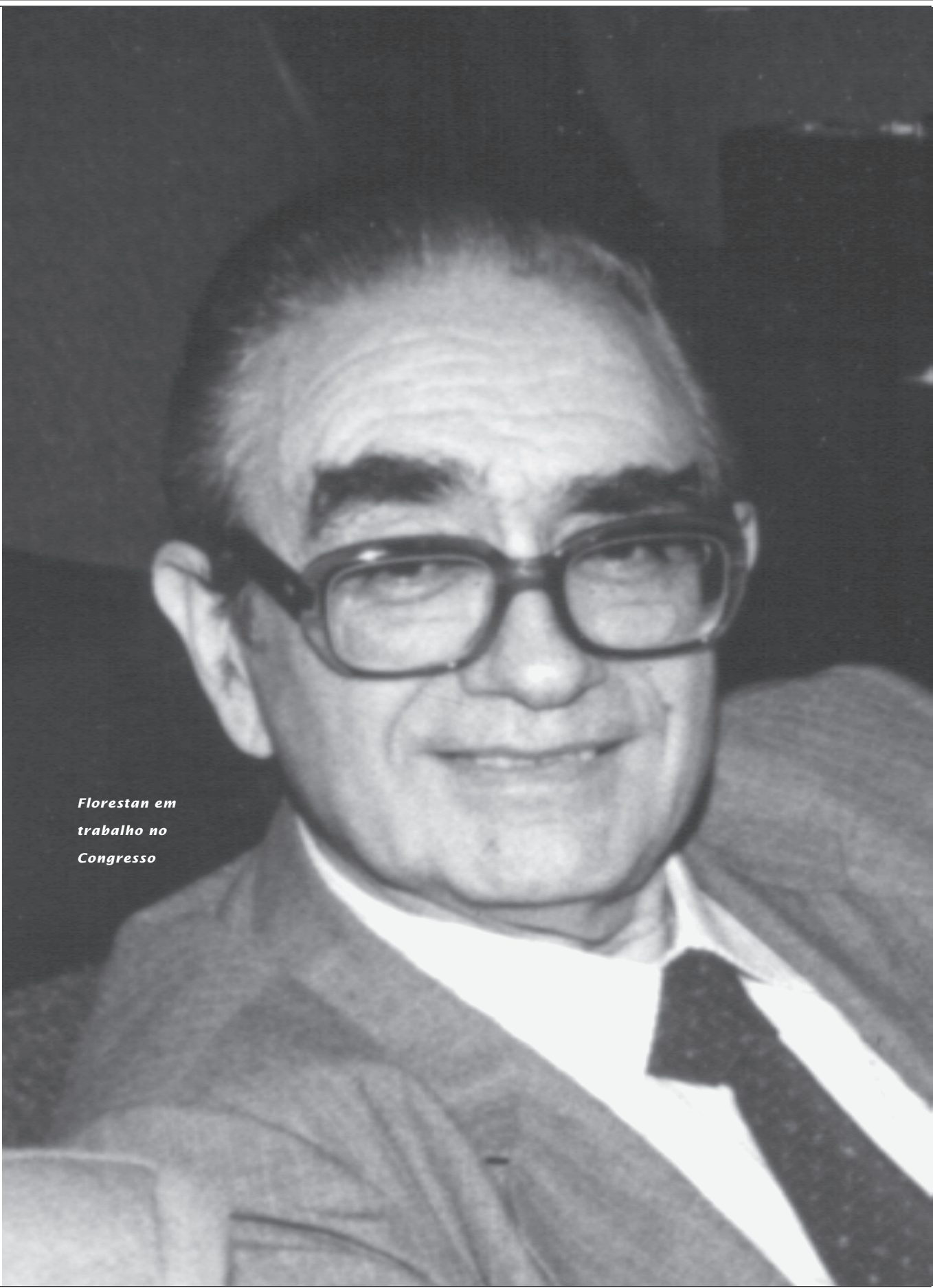
Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica, publicado em 1959, ainda está por merecer análise de sua importância na sociologia não só brasileira, mas latino-americana e internacional, e é parte de um conjunto de obras, como *Ensaios de Sociologia Geral e Aplicada* e *Elementos de Sociologia Teórica*, em que o autor apresenta os resultados de suas investigações teóricas e metateóricas empreendidas desde os anos 40 de forma pioneira. Embora considerasse, mais tarde, em *A Condição de Sociólogo*, longa entrevista em que faz o balanço de sua vida e obra, tal esforço prematuro – “porque a universidade brasileira não tinha base institucional

para abrigar e expandir esse tipo de trabalho intelectual” –, Florestan Fernandes abre caminhos que, longe de estarem esgotados, ainda podem fertilizar as nossas ciências sociais. Como todo autor denso, este clássico da nossa sociologia, exemplo de rigor e seriedade intelectual, é importante pelo que desenvolveu e pelo que apenas esboçou ou sugeriu.

O esforço de reconstrução teórica e metodológica empreendido pelo autor em *Fundamentos* pertence a uma família de textos raros em qualquer sociologia – tentativas de ordenamento de sistemas conceituais teóricos com importantes

explicitações, mesmo parciais, de conceitos metateóricos organizados em esquemas-

JOSÉ JEREMIAS DE OLIVEIRA FILHO é professor de Metodologia das Ciências Sociais do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP e pesquisador do CNPq.



*Florestan em
trabalho no
Congresso*

base – que estabelecem o cenário de fundo das estratégias de investigação de um autor e de um conjunto de autores que cheguem a formar “escola”, tradição de pesquisa, paradigma (em sentido mertoniano) ou determinado enfoque teórico-metodológico. As preocupações de Florestan Fernandes em fundamentar a sociologia crítica brasileira como ciência empírica e o esforço de diferenciar, selecionar e coordenar classificações, esquemas conceituais, tipologias e teorias em sentido forte, descontextualizando e redefinindo termos e problemas de investigação, geraram certas dificuldades interpretativas na qualificação global do projeto intelectual do autor, considerado por alguns como: a) *eclético* e b) *empirista*, *positivista* ou *naturalista*. A carga semântica pejorativa, científica, epistemológica e mesmo política de tais rotulações foi motivo de preocupação do autor, revelada em encontro, dias antes de seu falecimento, ao professor José de Souza Martins.

Em sentido muito genérico de *eclétismo*, Florestan Fernandes estaria na companhia de grandes sociólogos contemporâneos como Talcott Parsons (*The Structure of Social Action*, 1937), Robert Nisbet (*The Sociological Tradition*, 1966), Anthony Giddens (*Capitalism and Modern Social Theory*, 1971; *New Rules of Sociological Method*, 1976; *Central Problems in Social Theory*, 1979), Jürgen Habermas (*Zur Logik der Sozialwissenschaften*, 1967, 1982; *Theorie des kommunikativen Handelns*, 1981), Jeffrey C. Alexander (*Theoretical Logic in Sociology*, 4 vols., 1982-83), W. G. Runciman (*A Treatise on Social Theory*, 1983, vol. 1 e 1989, vol. 2). Neste sentido vago, poderíamos considerar como eclético, por exemplo, o empenho de Marx em realizar um amplo levantamento histórico e sistemático das teorias do valor, incorporando à sua teoria final, de modo seletivo e crítico, características conceituais existentes na literatura especializada até sua época; elaborando ainda novas características e reelaborando o conjunto em suas redefinições conceituais e introdução de novos conceitos. A dificuldade deste uso

do termo eclétismo é que não permite uma abordagem estrutural e dinâmica da construção de teorias, desconhecendo a importância dos procedimentos lógicos e semânticos das definições para a análise conceitual. Paradoxalmente seriam ecléticos todos os autores que apresentassem densidade teórica ou, caso extremo, todos os que efetuassem qualquer forma de reelaboração conceitual.

Em uso mais rigoroso, o termo *eclétismo* assinalaria uma das dificuldades na construção da linguagem científica em ciências sociais, que analisei juntamente com o reducionismo e o dualismo em outro artigo (“Patologias e Regras Metodológicas”, in *Estudos Avançados*, 9(23), 1995). Ao criticar o eclétismo de alguns de seus professores franceses dos cursos da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, Florestan Fernandes apreendeu as dificuldades teóricas e empíricas da elaboração da linguagem sociológica a partir de conceitos e tipologias retirados de seus contextos de origem, sem reelaboração crítica adequada. Não encontramos em nosso autor a definição de um termo conceitual pela conjunção, no *definiens*, de características catalogadas de um conjunto de contextos teóricos incompatíveis e, em sua expressão, sem uma “perspectiva global, totalizadora e de integração”, como, por exemplo, na conhecida definição de classe social de Gurwitsch. O deslocamento “instrumental” por marcos interpretativos, igualmente, nunca representou em sua obra síntese inadequada de uma teoria sistemática universal, independente de contextos substantivos de pesquisa empírica sincrônicos e diacrônicos, estruturais e históricos. Através de sua unidade de análise metodológica, *modelo de explicação científica*, foi imunizado das dificuldades assinaladas e apreendeu que é mais útil à sociologia trabalhar com enfoques teórico-metodológicos, contextos nos quais nasce o rigor possível das linguagens sociológicas aptas a abordar, com maior ou menor adequação, problemas teóricos, meta-teóricos e empíricos substantivos. Para um eclético, todos os problemas podem ser tra-

tados com uma teoria sintética e sistemática ou todas as teorias podem tratar do mesmo problema. Florestan Fernandes não equacionou as relações entre teoria e experiência por nenhum desses dois caminhos. Na sua obra, por exemplo, a análise funcional e o enfoque dialético holistas obedecem a regras específicas no jogo da ciência social: na sociologia descritiva ou comparada, o estudo das uniformidades de coexistência e na sociologia diferencial ou histórica, o estudo das uniformidades de seqüência.

Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica, título estranho para alguns de seus muitos leitores, deve ser entendido como o estudo dos fundamentos da sociologia empírica, o caminho da observação e descrição à explicação científica ou, para usar expressão do autor, da explanação aos modelos de explicação. Os “problemas da indução em sociologia” são resolvidos, na primeira etapa de nosso roteiro, através de procedimentos operacionais e interpretativos de seleção e elaboração ativa que transformam dados em “instâncias empíricas”, os fenômenos modificados pelo investigador, como já recomendavam Claude Bernard e Pierre Duhem no século XIX. O texto “Reconstrução da Realidade nas Ciências Sociais”, em que o autor teria, em 1957, atingido maturidade intelectual, não apresenta parentesco com o empirismo clássico ou contemporâneo, entendido o termo em sentido epistemológico mais rigoroso e, igualmente, supondo que não se confunda investigação empírica com empirismo. Florestan Fernandes apresenta uma alternativa ao ensaísmo literário historicizante impressionista da nossa tradição de pensamento social, muitas vezes rica de hipóteses e apostas compreensivas testáveis e não-testáveis apresentadas como se tivessem o mesmo valor explicativo; e, de outro lado, igualmente bloqueia a sociologia “especulativa” ou estritamente reflexiva, que podem ser exemplificadas pelos estilos de trabalho de Gouldner e do último Adorno. Em nenhum momento o que hoje conhecemos como o problema da *base empírica* da ciência é solucionado confundindo-se o problema social com o proble-

ma sociológico – o “ponto de vista sociológico” – e a interpretação não deixa de seguir um duplo critério de análise, o da seletividade dos dados e o da definição de problemas operados através de conceitos. A reciprocidade entre observações do mais baixo nível de abstração e as interpretações terá paralelo na reciprocidade, no momento explicativo, entre procedimentos indutivos e dedutivos.

Dos dados imediatos às instâncias empíricas que, interpretadas, permitem eliminar paulatinamente o acidental na busca de regularidades, possibilitando certa construção tipológica, fica caracterizada a sociologia descritiva ou sociografia como etapa da constituição da sociologia. Estudando com mais profundidade o autor, é saliente a reciprocidade já mencionada, agora em termos mais amplos, entre sociografia e sociologia. No estudo dos diversos modelos de explicação causal ou funcional, compreensão interpretativa e dialética, em nenhum momento Florestan Fernandes adere a qualquer forma de reducionismo naturalista, exigência de unidade metodológica entre ciências naturais e sociais ou aceitação de linguagem empírica de tese teoricamente neutra – teses clássicas do empirismo lógico ou do neopositivismo. O termo indução, usado exhaustivamente em *Fundamentos*, tem os dois sentidos com que comparece na teoria clássica da ciência e até recentemente na literatura sociológica: a geração de enunciados universais a partir de enunciados singulares ou teorias a partir de observações e, o mais corrente, de investigação empírica, seja através de teste indutivo ou dedutivo de teorias científicas.

Usar os rótulos empirista e positivista de modo tão ampliado ou viola a definição técnica destes termos ou as definições incluem características que têm por objetivo torná-las inúteis. A forte linguagem causalista presente nos escritos metodológicos e teóricos de nosso autor é a mesma que impregna para o bem e para o mal as ciências sociais, independentemente de escolas, correntes ou tendências intelectuais dos autores.